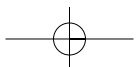


Gravura 2



Os contornos vibrantes de corpos em repouso e em movimento... sim, mal os pronunciamos, já deles nos afastamos, como quem cai — e como dizer que corpos são estes? De flores e animais e raparigas nasceu uma essência do ser e um extremo de amor e sofrimento e suspensão e bem-aventurança, e basta um aceno de azul: e logo de todos os lados o espaço se precipita nestas páginas e envolve estas figuras com todas as distâncias e profundidades, embebendo-as e impelindo-as em nossa direcção, de tal modo que somos acometidos pela vertigem das grandes alturas e gostaríamos de segurar-nos à mão do mestre que com um gesto de dádiva gentil nos estende a folha...

Não, estes desenhos não são aquilo por que os tomam, esboços apressados, preliminares, passageiros; o momento, assim surpreendido na sua intangibilidade, assim submetido a todas as leis: o que o distingue ainda do definitivo e do eterno?

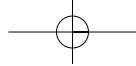
E ouvimos dizer que são eróticos. Ah, sim, são eróticos; mas quem diz da noite de Junho que é «erótica», saturada pelo canto dos rouxinóis, num anseio quase ameaçador sob as estrelas febris. Ou quem chama «erótica» à sabedoria profunda e abençoada que tudo abarca e torna fértil, ou à alegria ou à morte ou ao dobrar dos sinos?...

Uma palavra regressa aqui à sua grandeza, ao terror e à glória: ao incomensurável.

Nestas folhas, nestas coisas, Eros, o deus, regressou para junto de nós — o Eros de Sócrates, talvez, que apesar de *Fedro* e do *Banquete* se perdera —:

este tão doce e leve Eros, este espírito profundo, este amante grandioso e imodesto...

Ele tinha de tornar-se corpo; pois de que outro modo podem as artes plásticas tomar posse do espírito se todos os seus meios dependem dos sentidos, do palpável! — E quanto mais desenvolvem estes meios, quanto maior a paixão com que de si mes-

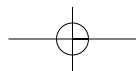


mas ganham consciência, *tanto mais sensuais* têm de tornar-se,
mais forçoso é que mostrem *o espírito apenas através do corpo*.

Para o criador vale ainda o que para Dante valia:

O corpo... é para ele a alma.

Sobre os desenhos de Rodin, 1905





Gravura 3

<Sete poemas>

A mulher colhe rosas. De repente
toca o membro vivo dele, botão
cheio. Assusta-a a diferença, e num instante
esvaem-se nela os jardins [de Verão]